

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 7 • 1997/1998



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1997/1998

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 7 • 1997/1998 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
PREFÁCIO - Isaltino Morais
MENSAGEM - Conselho Académico da Academia Portuguesa da História
FOTOGRAFIA - Autores assinalados
DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
7, Oeiras, Câmara Municipal, 1997, pp. 219-226

ACERCA DE UMA TIGELA DE *TERRA SIGILLATA* CLARA DA NECRÓPOLE DO SOL AVESSO, PORTO SALVO (OEIRAS)⁽¹⁾

João Luís Cardoso⁽²⁾ & Maria de Conceição André⁽³⁾

1 - INTRODUÇÃO

Em 1964, no decurso da construção de uma moradia situada na rua de São Sebastião, no chamado Bairro de Auto-Construção de Porto-Salvo, em Sol Averso, foram ocasionalmente postas a descoberto três sepulturas estruturadas, de planta rectangular, parcialmente escavadas nas margas do Cenomaniano (Cretácico Inferior) que afloram no local. Correspondem à estação arqueológica nº 45 da Carta Arqueológica do concelho de Oeiras (CARDOSO & CARDOSO, 1992).

As circunstâncias da descoberta e ulteriores vicissitudes, prejudicaram a realização, como se impunha, de trabalhos aturados; as limitadas investigações então efectuadas por um grupo de alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, depararam com dificuldades, em detrimento não só da adequada exploração das três sepulturas referidas, mas também das muitas outras que, após aquela intervenção de emergência, foram totalmente destruídas, em consequência do prosseguimento das obras.

Na curta notícia dedicada aos trabalhos arqueológicos então efectuados, publica-se apenas uma lucerna atribuída ao século II d.C. (MATOS, 1969; CARDOSO & CARDOSO, 1993, Fig.23). A taça de *terra sigillata* clara objecto deste estudo, foi recolhida, provavelmente, em outra sepultura, das muitas que, entretanto, foram destruídas. Conserva-se no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras); dela, foi anteriormente publicada apenas desenho, sem mais comentários (CARDOSO & CARDOSO, 1992, Fig. 24). Porém, a importância arqueológica desta peça intacta justificava estudo mais desenvolvido, o qual agora é concretizado. Com efeito, é excepcional a ocorrência de exemplares inteiros comparáveis: um dos raros casos compulsados é o de tigela

⁽¹⁾ Trabalho cuja concepção, organização e redacção definitiva é da responsabilidade de J. L. C.

⁽²⁾ Da Academia Portuguesa de História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa) e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras.

⁽³⁾ Técnico Superior do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras.

proveniente de Bello, Cádiz, conservada no Museu Arqueológico Nacional, em Madrid (ZOREDA, 1971, Est. III).

2 - A *TERRA SIGILLATA CLARA C*

Cerca de 240-260 d.C., a produção de *terra sigillata* clara A, é substituída pela de *terra sigillata* clara C. A cronologia apontada para o início da sua produção, tem como referencial a data da destruição da cidade de Ampúrias, (260 d.C.), confirmada em Albintimilium – estrato III A, também correspondente a meados do século III d.C. (DELGADO, 1967, p.11).

N. Lamboglia, aponta igualmente esta cronologia, considerando o aparecimento da *terra sigillata* clara C, am fase anterior à destruição da cidade de Ampúrias em 264 d. C. (ZOREDA, 1971, p. 255).

Já Salomonson, relacionando a *terra sigillata* clara C com a evolução dos tipos A e A/C ou cerâmica de El Aouja, considerou-a uma produção do século IV que se prolongaria no século V d. C., com o tipo D decorado em relevo (ZOREDA, 1971, p.255).

Carandini admitiu a existência na produção de *terra sigillata* clara C, de uma tradição única, que se estenderia do século III ao século V d.C. (CARANDINI, 1975, p. 65). Em boa parte, esta cronologia foi ulteriormente confirmada, distinguindo-se 5 fases de produção compreendidas entre princípios do século III e princípios do século VI d.C. (COUTINHO, 1997, p. 34 a 36).

No decurso da sua longa existência, verificou-se, no século IV d.C., nítida degradação na qualidade das produções.

Segundo alguns autores, esta cerâmica seria originária do Norte de África (ALARCÃO & ALARCÃO, 1970), mais precisamente da Tunísia Central (CARANDINI, 1975, p. 62). O referido autor cita, a tal respeito, a necrópole de Raqqada (século IV d.C.) onde foram recolhidos, em grande número, exemplares do tipo C. Por esse motivo, alguns autores designam-na como “sigillata africana” (MACIEL, 1996, p. 204 e 205).

É de realçar a ampla difusão que a caracteriza, tendo presente a sua presença em todo o Mediterrâneo desde a costa atlântica até ao litoral do Mar Negro com penetrações pela Europa continental (COUTINHO, 1997, p.35), ao longo dos vales dos principais cursos de água, como sugere a sua presença em Lyon, aproveitando o curso inferior do Ródano (CARANDINI, 1975, p. 65).

3 - CARACTERIZAÇÃO

A riqueza decorativa patente em exemplares de *terra sigillata* clara C, levou alguns autores como Salomonson a considerá-la como a verdadeira cerâmica de luxo tardo-romana em todo o Mediterrâneo (ZOREDA, 1971, p.225).

A técnica decorativa consistia na aplicação, sobre a superfície dos recipientes, de elementos moldados à parte (MAIA, 1974/77, p. 365). Trata-se de “ técnica de decoração que (...) se vulgarizou e tornou típica do século IV sendo (...) mais frequente sobre as formas tardias da cerâmica de engobe alaranjado ...” (DELGADO, 1967, p. 3 e 4). Com efeito, a presença de motivos fitomórficos e zoomórficos, aplicados em relevo nos bordos dos recipientes destas cerâmicas, constitui uma das principais características destas produções, aí residindo a sua originalidade (MACIEL, 1996, p.204 e 205).

4 - PRESENÇA EM PORTUGAL

De difusão essencialmente marítima, a *terra sigillata* clara C teve larga presença na Península Ibérica.

J. Balsameda e L. Caballero Zoreda (in DELGADO, 1967, p. 5) referem em Espanha a existência de 31 estações fornecedoras de cerâmica com decoração em relevo aplicado, oriundas maioritariamente das costas atlânticas e mediterrânicas e de portos fluviais (SOUSA, 1992, p.386).

Em Portugal, as estações onde se conhece a ocorrência de exemplares de *terra sigillata* clara C foram recentemente inventariadas (COUTINHO, 1997); são dezassete os sítios que a forneceram, todos a Sul do Tejo, exceptuando-se Conimbriga, Santo André de Almoçageme, Sintra e Alto da Cidreira, Cascais, os dois últimos na adjacência imediata do estuário do Tejo.

Segundo DELGADO (1975, p.57) o apogeu da importação da *terra sigillata* clara C em território português situar-se-ia entre 230/240 e 350 d. C., com predominância das formas HAYES 45 e HAYES 50.

A presença de *terra sigillata* clara C em Conimbriga é bastante evidente; num total de 973 peças de *terra sigillata* clara – de grande abundância em Conimbriga, apresentando todas as formas comuns no Mediterrâneo – 273 são de *sigillata* clara C (DELGADO, 1975, p.55).

Por seu turno, na *villa* do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim, de 163 fragmentos de *terra sigillata* identificáveis, apenas 15 pertencem ao tipo C (COUTINHO, 1997, p. 25), situação que se repete na cidade de Balsa (Torre de Ares), junto à actual Tavira, sendo a raridade deste tipo, relativamente aos tipos A e D, salientada por NOLEN (1994).

MACIEL (1996, p.193) confere, por outro lado, destaque a Tróia de Setúbal, local onde foram encontradas diversas peças importantes pertencentes a esta tipologia e estilo decorativo (MAIA, 1974/77), situação compatível com o estatuto de importante *emporium* do comércio marítimo e de exportação para outros centros do Mediterrâneo que o local, à época detinha: “ ... a cerâmica romana tardia mais representativa em Tróia de Setúbal é a nível da decoração, a *terra sigillata* africana. “.

5 - DESCRIÇÃO, PARALELOS E CRONOLOGIA

Trata-se de uma tijela, pertencente à forma HAYES 52 B, com aba ligeiramente inclinada para o interior, possuindo bordo de lábio levemente convexo, decorado por ligeira canelura circundante, na sua parte superior, acompanhada por uma outra, sobre o fundo (Fig. 1).

Pé anelar pouco desenvolvido. Possui decoração em relevo, constituída por três aplicações moldadas, dispostas a idênticos intervalos, de um grande felino em corrida (leão ou leoa), a que falta a cauda e duas palmetas (Fig. 1). O estado de conservação do exemplar é bom, exceptuando-se as superfícies interna e externa e os motivos decorativos, que se apresentam erodidos - especialmente o motivo animal - deixando observar a natureza da pasta, levemente porosa e muito fina, de coloração rosada. Engobe mate, polido e macio ao tacto, observado apenas em cerca de um quarto do interior do recipiente, correspondente à parte da peça que se encontrava enterrada, no fundo da sepultura. Não se observaram vestígios de engobe na superfície externa, podendo esta jamais o ter possuído.

Tais características indicam tratar-se de uma produção do grupo C3 (COUTINHO, 1997, p.37). No respeitante à forma e à técnica decorativa, foram vários os elementos compulsados relativamente ao território hoja português. Assim, DELGADO (1968, p.3, Est. III, nº.2) descreve uma peça oriunda do concelho de Vila Viçosa e outra de Conimbriga (DELGADO, 1975, p. 58. Est. IX, nº. 7), esta última pertencente a um período intermédio, deficientemente representado. Tal facto dificultaria a possibilidade de distinguir claramente os exemplares desse período, dos produtos da primeira fase de produção da *terra sigillata* C, típica da segunda metade do século III d.C.. MAIA (1974/1977, p. 366, 367, 368) referiu, nas colecções oriundas de Tróia de Setúbal, diversas peças integráveis nesta forma, designadamente na variante HAYES 52 B: taças de paredes hemisféricas e aba saliente inclinada para o interior, fabricadas entre 280/300 a meados do século V d.C.

Segundo a autora (p.367), a forma HAYES 52 B estabelece ligação entre a fase de relevos aplicados e a fase mais tardia ...”, considerando como característicos deste estilo de transição os motivos zoomórficos isolados. Refere ainda que a esta fase se sucederia o estilo tardio (formas HAYES 53, 54, 55, com início no século IV d.C. estendendo-se a inícios do século V d.C.), correspondendo a composições decorativas coerentes, sendo precedido pela tendência para agrupar os motivos dispersos que caracterizavam o estilo anterior. As caçadas e animais ferozes predominariam nesta fase.

SOUSA (1992, p.386), refere-se a este estilo de transição a propósito da peça por ele estudada, oriunda da *villa* de Santo André de Almoçageme, Sintra, com ligação à *terra sigillata* clara A final e à *terra sigillata* clara D inicial, na qual, segundo afirma, predominam os motivos zoomórficos e vegetais: “... os quais se inscrevem isolada, mas repetidamente, sobre as abas e paredes de taças ...”. Trata-se, no caso, de fragmento de tijela da forma HAYES 52 B, com aplicação em relevo, sobre a aba, de um cisne em atitude de voo, motivo para o qual não foram encontrados paralelos, atribuído pelo autor ao fim do século IV - inícios do século V d.C.

NOLEN (1994, p. 100) publicou fragmento de tigela da mesma forma, oriunda da antiga cidade de Balsa, perto de Tavira, ostentando na aba a aplicação de um golfinho. Tal fragmento tem paralelos em

exemplares do século V d. C., mais concretamente, segundo a autora, na segunda metade desse século, atendendo ao tamanho do recipiente, maior do que os homólogos mais antigos.

No que concerne à figura de leão ou leoa em corrida, representada na peça agora estudada, avultam os paralelos compulsados em de Tróia de Setúbal, estudados por diversos autores (ALARCÃO & ALARCÃO, 1970; MAIA, 1974/77; MACIEL, 1996) atribuíveis tanto a representações de leão como de leoa, a par de outros felinos (leopardo) e animais diversos (bode, javali, coelho) incluindo peixes (MACIEL, 1996, Fig. 42 a).

De referir, também, a representação de leão no disco de lucerna tardia, igualmente daquela estação (MACIEL, 1996, p.11), com paralelos em lucerna paleocristã de Torre de Ares, Tavira, atribuível ao século V d. C., onde se figurou um raposo em relevo (NOLEN, 1994, p. 45, Fig. 3).

Na área urbana de Setúbal (SILVA & COELHO-SOARES, 1980/81) escavaram-se estruturas romanas pertencentes a uma fábrica de salga de pescado. Na fase III da respectiva ocupação, quando os tanques serviam como lixeira, ali se acumulando os detritos da população que continuava a viver nas proximidades, no decurso dos séculos III e IV a.C. recolheram-se dezasseis fragmentos de *terra sigillata* clara, um dos quais pertencente a tigela da forma HAYES 52 B (Est.V, nº. 42), decorado por relevo aplicado mostrando um leão (incompleto) em corrida.

Também COUTINHO (1997, p.19 e 52, Est. IV, nº.21) representa da *villa* do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim, tigela da forma HAYES 52 B, possuindo dubitativamente aplicação de relevo na parte superior da aba representando leão, com cronologia do século III a meados do século V d.C. SOUSA (1992, p.386 e 387), situa o início deste estilo decorativo no último quartel do século III d.C. - no que concorda com a cronologia para ele proposta nas Fouilles de Conimbriga (DELGADO, MAYET & ALARCÃO, 1975, p.256) - estendendo-o igualmente até o século V d. C..

ZOREDA (1971, p.247 e 248), ao assinalar representação análoga, em recipiente conservado no Museu Arqueológico Provincial de Almeria, o qual é comparado pelo autor à iconografia de mosaico de Cartago, datado da segunda metade do século III d.C., insere-a no tema designado por "Damnatio ad bestias", estilo decorativo baseado na representação de animais selvagens como leões, panteras e outros felinos, vulgarmente associados a caçadas ou a cenas de circo.

No que respeita aos elementos vegetais representados na peça agora estudada - palmetas estilizadas - foram compulsados numerosos paralelos. Com efeito, é comum a sua utilização isolada ou associada a motivos animais, como no presente caso.

As palmetas encontram-se igualmente associadas à *terra sigillata* clara D, subsistindo na segunda metade do século IV e na primeira metade do século V d.C. (DELGADO, MAYET & ALARCÃO, 1975, p.269, Est. LXV, nºs. 25 e 27). As autoras realçam a sua importância no quadro da forma HAYES 52 B, ao denunciarem a persistência de motivos vegetalistas por cerca de 2/3 séculos, do século III ao século V d.C. MAIA (1974/77, p.378 e 381) reproduz duas peças (Est.III, nº.19, Est.V, nº.27), uma delas da forma HAYES 52 B, ostentando decoração de palmetas em relevo. Também ZOREDA (1971, p.241), afirma serem os motivos vegetais bastante típicos na *sigillata* clara tipo C, dando como exemplos duas tigelas da forma do nosso exemplar, uma do Museu Provincial de Cartagena, outra do Museu Arqueológico Nacional.

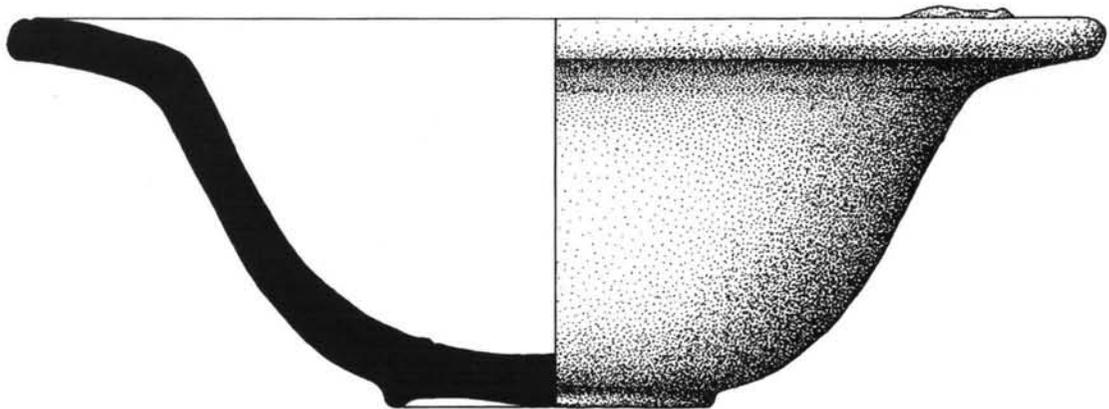
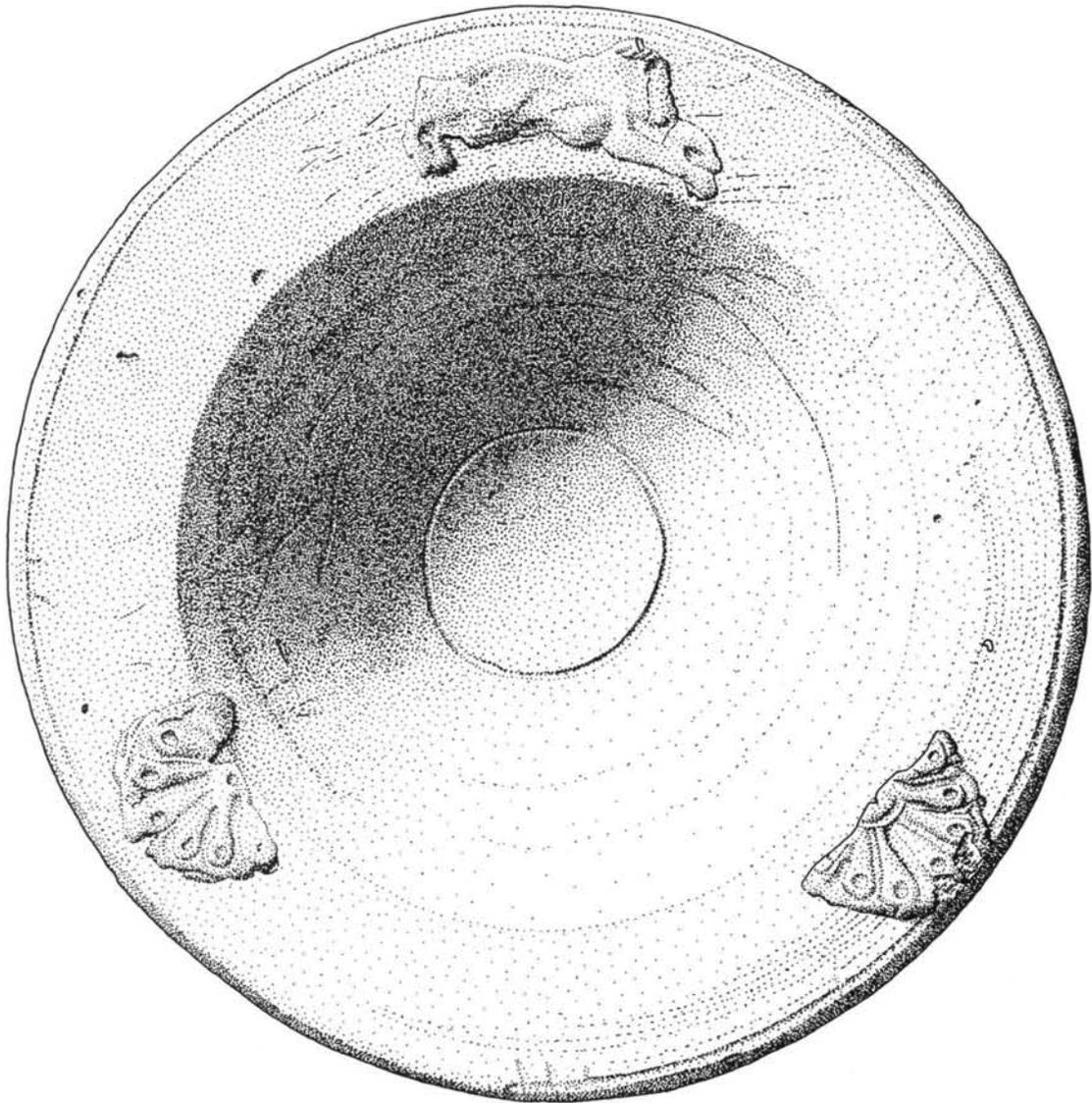


Fig. 1 - Necrópole romana de Sol Avesso - Porto Salvo. Taça de *terra sigillata* clara C.

6 - CONCLUSÕES

O estudo analítico – tipo de pasta, engobe e decoração – e comparativo da peça em estudo conduz à conclusão que se trata de tigela da forma HAYES 52 B, a qual formaria serviço com os pratos da forma 42 (DELGADO, 1968, p.17).

Corresponde a recipiente pertencente ao chamado estilo de transição de HAYES, onde predominam a nível decorativo as representações de motivos zoomórficos e vegetais isolados, nas paredes e abas das taças. A esta fase sucede-se o estilo tardio correspondente a composições decorativas coerentes, com inícios no século IV até inícios do séc. V d. C. (MAIA, 1974/77, p. 367).

A variante decorada da forma HAYES 52 B pode situar-se entre 280/300 a fins do século IV - princípio do século V d. C. (COUTINHO, 1997, p. 33). O mesmo autor situa a produção C 3 entre finais do século III a meados do século V d. C. (p. 35). É, pois, dentro destas balizas cronológicas que poderemos situar o exemplar ora estudado, mais concretamente talvez entre finais do século III d. C. e meados do século seguinte, atendendo ao tamanho do exemplar, critério invocado por NOLEN (1994) para a separação dos exemplares mais tardios, de maiores dimensões.

Agradecimento: ao Dr. Carlos Tavares da Silva, que se prontificou a uma leitura crítica deste trabalho, a pedido de um de nós (J. L. C.).

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. & ALARCÃO, J. (1970) – *Dez anos de actividade arqueológica em Portugal, 1960-1969*. II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970). Coimbra, 90 p.
- CARANDINI, A. (1975) – A propos des céramiques de Conimbriga. *Conimbriga*, 14, p. 69.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) – *Carta Arqueológica do concelho de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4, 126 p.
- COUTINHO, H. M. (1997) – *Terra Sigillata Clara do Montinho das Laranjeiras – 1990 e 1991*. Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim, 80 p.
- DELGADO, M. (1967) – *Terra Sigillata Clara de Conimbriga*. *Conimbriga*, 6, p. 47 - 128.
- DELGADO, M. (1968) – *Terra Sigillata Clara de Museus do Alentejo e Algarve*. *Conimbriga*, 7. p. 41 - 66. *Conimbriga*,
- DELGADO, M. (1975) – VI – Sigillés Claires. *Conimbriga*, 14, p. 55 – 87.

- DELGADO, M., MAYET, F., ALARCÃO, A. M. (1975) – *Fouilles de Conimbriga – IV – Les Sigillés*. Paris, De Boccard, p. 253 – 313.
- MACIEL, M. J. (1996) – *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa, edição do Autor, 347 p.
- MAIA, M. G. P. (1974/77) – *Sigillata Clara* com decoração aplicada de Tróia. *O Arqueólogo Português*, série III, 7/9, p. 365 – 381.
- NOLEN, J. U. S. (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares - Balsa*. Lisboa, Instituto Português de Museus, 256 p.
- SILVA, C.T. da & COELHO – SOARES, A. (1980/81) – A praça do Bocage (Setúbal) na época romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 249 – 284.
- SOUSA, É. M. (1992) – Presença de “terra sigillata” Clara com decoração de relevos aplicados na Villa de Santo André de Almoçageme (Freg. de Colares, Conc.de Sintra). *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 385 – 390.
- ZOREDA, L.C. (1971) – Cerâmica Sigillata Clara Decorada de los tipos A, A/C y C. *Trabajos de Prehistoria*, 28, p. 227 – 262.